Audiência de Angra 3 em Ubatuba será em 28 de março
O Ibama marcou mais uma audiência pública para discussão do projeto da usina nuclear de Angra 3. A nova sessão, que atende uma liminar judicial, será no dia 28 de março, em Ubatuba (SP).

Suzano vende 24% da Riopol para Unipar e BNDES
Dentro do processo de consolidação da petroquímica do Sudeste, a Suzano Petroquímica vendeu 24,31% de participação na Rio Polímeros à Unipar (15,98%) e ao BNDESPar (8,33%) por R$ 283 milhões.

IBM anuncia compra da Cognos por US$ 5 bilhões
A IBM anunciou a compra da canadense Cognos por US$ 5 bilhões idéia é acelerar a estratégia para a área de informação por demanc combinando a tecnologia desenvolvida pela companhia de Ottawa

ENERGIA

CRESCIMENTO Energia dos ventos tem preço de R$ 200 por megawatt e cresce para ser opção à hidroelétrica

Eólica tem preço 3 vezes menor que a térmica

Setor se prepara para dar salto no País, atraindo investidores e fabricantes de equipamentos específicos da Alemanha e de Portugal

SÃO PAULO

A energia eólica, que tem fatia de apenas 0,3% na matriz energética brasileira, investe para se tornar uma das principais alternativas às hidroelétricas em períodos de estiagem. Para alcançar esse objetivo, atrai um número crescente de empresas e investidores e conta com uma vantagem competitiva de peso: o preço do megawatt gerado por uma usina eólica custa R$ 200, enquanto os gerados por termoelétricas — que hoje são a opção para a época de secas — custam R$ 600.

"Sabemos que as secas no Brasil vêm de cinco em cinco anos e a energia eólica é a opção mais coerente para gerar energia nessas épocas", afirma Sérgio Marques, presidente da Bioenergy, investidora de projetos eólicos.

Marques diz que o preço já não é mais problema para a geração de energia a partir dos ventos. "Além de a energia custar menos que a gerada por uma termoelétrica, é preciso pensar no preço ambiental. Uma usina eólica não afeta o meio ambiente, enquanto a termoelétrica [movida a gás ou óleo *diesel*] é a mais poluente", comenta Marques. "Além de tudo, com usinas eólicas cumprimos o Protocolo de Kyoto."

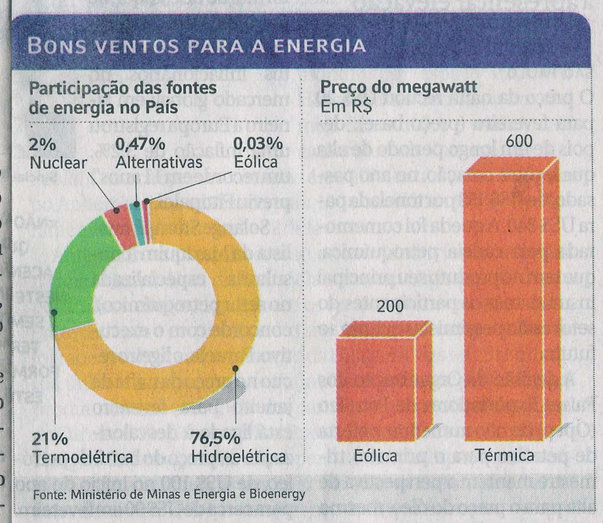
Dos 216 projetos brasileiros de Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) em processo de validação ou já aprovados no âmbito do Protocolo de Kyoto, seis são de energia eólica, o que representa o nono lugar entre os 15 setores representados.

A que mais cresce no mundo

A geração de energia a partir da força dos ventos é a fonte de energia alternativa com maior taxa de crescimento no mundo. Nos últimos dez anos, as instalações de parques eólicos subiram 25%, com destaque para a Europa, Canadá e Estados Unidos.

"A implantação de uma usina eólica é muito rápida. Por exemplo, uma que gera 200 megawatts leva 18 meses para ficar pronta. E os custos são muito semelhantes aos de implantação de uma Pequena Central Hidroelétrica [PCH]", afirma Eduardo Leonetti Lopes, gerente de Vendas da Wobben, empresa de capital alemão que se instalou no Brasil e é a principal produtora de peças para a geração de energia eólica. Outra empresa européia — a Indsa, de Portugal — também fabrica no País peças para obtenção de energia pela força dos ventos.

Leonetti diz que, no Brasil, medições precisas de vento realizadas em diversos pontos do País indicam a existência de um imenso potencial eólico ainda não explorado. Em Minas Gerais, por exemplo, uma central eólica está em funcionamento, desde 1994, em um local afastado mais de 1.000 quilômetros da costa com excelentes condições de vento.



"O potencial eólico é encontrado em todo o Brasil e tem concentração em lugares onde há população, estradas e linhas de transmissão", afirma Odilon Camargo, presidente da Camargo Engenheiros Associados, principal empresa de pesquisa do potencial dos ventos. Segundo Camargo, grande parte do País já foi pesquisada, o que agiliza a instalação de novos projetos.

Além das boas condições de vento para a ampliação dos parques eólicos brasileiros, mais de 60% da população brasileira vive na faixa litorânea do País e, com usinas instaladas na região, que tem ventos mais fortes, os custos com transmissão seriam reduzidos.

"Não acho que a energia eólica deva ser a matriz energética do Brasil, mas sim um complemento às hidroelétricas, já que quando as chuvas param e conseqüentemente os reservatórios esvaziam, os ventos aumentam e geram mais energia", explica Leonetti.

Até 2% da matriz

De acordo com a Associação Brasileira de Energia Elétrica (Abee), enquanto os Estados Unidos e o Canadá projetam uma capacidade de geração de entre 45 e 48 mil MW até 2020, o Brasil prevê gerar no máximo 1,9 mil MW, o que equivale a menos de 2% da matriz elétrica do País.

Outro exemplo é Portugal que tem 2.096 MW gerados em usinas eólicas. São 151 parques eólicos com 1126 aerogeradores. A partir deste ano entrarão em funcionamento mais 3.332 MW de potência eólica.

No Brasil, as primeiras usinas começaram a funcionar em 1999, no Ceará. O crescimento da capacidade de geração teve início em 2002, quando o governo federal implementou o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfra).

"O Proinfra foi um embrião, mas precisa ter continuidade e, de preferência, nos moldes anteriores", argumenta Marques. "É preciso ter uma política definida para o setor deslanchar."

ROBERTA SCRIVANO

Já publicamos 11 reportagens sobre
ENERGIA EÓLICA
Para mais informações sobre esse tema, use nosso buscador nos sites:
www.dci.com.br
www.panoramabrasil.com.br